

Dem

O Salva-

Vidas incluindo os

**militares** da

**Autoridade Marítima**

**Sebastião Lupi-**

**Levy**

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

**Se neste momento, por algum motivo, não puder comprar o livro do autor, a Jupiter Editions sugere que faça um donativo ao autor para o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante para proteger a qualidade de escrita do autor e não deixar o espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**A Jupiter Editions apostou em 9  
livros de novos 9 autores.**

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

# Os Autores do Sistema

# Sebastião Lupi-Levy

Registo nº 353/2020 SIIGAC/2020/847 DATA: 2020.02.14

## JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

Siga o autor [@sebastiaolupilevy](#)

(...)

— (...) E é o dono que vai lá ter de estar a defender a imagem dos seus colaboradores. A dizer que os seus clientes não podem fotografar nem filmar. É o dono do estabelecimento que tem o dever de proteger a imagem de todos os seus colaboradores. É o dono que é responsável por isto. Mas custa alguma coisa, o dono do estabelecimento meter-se entre a câmara e dizer ao cliente que não pode filmar os seus colaboradores, porque eles estão a trabalhar, são humanos, não são robots nem macacos e, por isso, têm direitos de imagem e direitos de personalidade? Não custa nada!

— Bom... Isto teletransporta-se a todos os contratos de trabalho.

— Incluindo aos salva-vidas. Vocês viram os problemas das fotografias aos salva-vidas. Foram problemas atrás de problemas. Em Portugal, os salva-vidas tiram o curso e depois vão procurar ofertas de emprego para os grupos do Facebook de salva-vidas. Estas ofertas são feitas ou pelos concessionários ou pelas associações de salva-vidas. Antigamente nestes grupos só estavam os salva-vidas, concessionários e associações. Agora estão também os banhistas, está a Polícia Marítima, estão os militares da Autoridade Marítima, está todo o Instituto de Socorros a Náufragos... Como sabemos, até as entidades institucionais foram parar ao Facebook. Está tudo no Facebook. Está tudo na praia, mas está tudo deprimentemente no Facebook. E está tudo a enviar dados para o Facebook. E o que é que começou a acontecer? Pessoas que ao invés de deverem estar a desfrutar do sol na praia, estão em cima dos salva-vidas com a merda dos telefones e filmam um salva-vidas a fechar os olhos por 2 segundos como se ele estivesse a bater uma sesta sem saberem se o salva vidas está ou não na sua hora de almoço ou se combinou com o colega que ia fechar os olhos por 2 segundos...

— Fotografam um salva-vidas em cima de uma rocha que subiu para ter uma melhor visão das correntes, que subiu e desceu logo, mas que perpetuamente congelado pela fotografia o fez parecer que tinha subido por brincadeira e que o fez parecer que tinha ficado ali a apanhar sol como um “maluquinho qualquer”... Esta fotografia foi viral!

— Pois, foi viral, que até ao telefone dos meus sobrinhos de 10 anos foi parar...

— Os teus sobrinhos de 10 anos têm telefone?

— Não sou eu que sou o pai deles... Não me julges, nem a mim, nem aos meus sobrinhos... Eles até querem ser salva-vidas... Querem ser salva-vidas da Jupiter Editions... Não fales mal dos meus sobrinhos... Ainda vão ser os meus sobrinhos de 10 anos que graças aos seus telefones e ligados à Internet vão partilhar a nossa reunião e vão pôr os putos todos a votar em nós!

— Mas a nossa reunião vai ser partilhada????

— Vá lá... Já somos adultos... Sabemos que estamos numa Internet das Coisas... Sabemos que estamos inseridos numa Sociedade de Informação Tecnológica... Toda a gente passa a informação... Até os putos de 10 anos passam a informação...

— E eu, que ouvi um puto a dirigir-se aos salva-vidas e a perguntar num engraçado altivo tom de 10 anos porque é que os salva-vidas estavam a fechar a praia meia hora antes, da hora que estava indicada no Edital de Praia?

— Não pode... Não acredito...

— Até alegou que estavam 3 pessoas no mar e que estava “maré cheia”... Até disse que se a maré estivesse “vazia” e não estivesse ninguém na praia o puto até percebia... Mas o puto insistia que estavam 3 pessoas no mar... Sabem o que é que os salva-vidas fizeram?

— Voltaram a hastear a bandeira?

— Voltaram a hastear a bandeira... O puto tinha razão...



— Os putos estão cada vez mais espertos... Os putos já descobriram onde é que está o Edital de Praia... Os putos que entram na praia sem os telefones olham para as placas na praia e sabem qual é que é a zona de embarcações e sabem muito bem que os salva-vidas não podem estar a alugar embarcações, nem pranchas, nem camas na praia, porque sabem que as embarcações e as pranchas pertencem ao apoio recreativo e que os salva-vidas não são animadores nem empregados da praia... Sabem que os salva-vidas são salva-vidas e que hierarquicamente só respondem perante o Instituto de Socorros a Náufragos, que é a entidade a quem devem única e exclusivamente obediência... Ouvi um puto a perguntar aos salva-vidas se era verdade que os salva-vidas só obedeciam ao ISN... Os salva-vidas riram-se, disseram que era verdade... E o puto disse que “percebia perfeitamente” porque “também tinha de obedecer aos pais”... E perguntou se o ISN era como se fosse o pai dos salva-vidas... E os salva-vidas disseram que sim e o miúdo ficou todo contente e despediu-se dos salva-vidas a dizer que era monárquico e que gostava da Rainha D. Amélia, porque tinha fundado o ISN...

— Isso, é peta! Desculpa lá! Como é que um puto de 10 anos sabe isso?

— Um puto de 10 anos sabe isso e muito mais. Os putos são inteligentíssimos.

— Um puto de 10 anos já está no 5º ano a ouvir a história dos reis de Portugal...

— Ah!...

— Vi um outro puto a chegar-se perto dos pais e a dizer que os salva-vidas não estavam a olhar para o mar, porque estavam a ver uma série da Netflix no telefone... O puto até

sabia a série que cada salva-vidas estava a ver... Sabia que estavam todos em séries diferentes a ver filmes diferentes... O pai disse que ia filmar o espetáculo e que ia enviar para a Internet e o putto disse ao pai que ele não podia fazer isso, porque era crime... E o pai não fez... O putto foi um salva-vidas dos salva-vidas... Impediu o próprio pai de cometer um crime contra os salva-vidas...

— Olhem, eu já vi foi um outro filme... Vi os amigos de um salva-vidas, a chegar à praia com cervejas, nenhum dos salva-vidas bebeu cerveja, mas os amigos deixaram ao pé de um dos salva-vidas a garrafa de cerveja sem o salva-vidas reparar e um banhista que passou decidiu fotografar o salva-vidas com a cerveja ao lado e publicar nos grupos de salva-vidas... Enfim... Foi um filme “dos diabos” para o salva-vidas... Perdeu o emprego, o concessionário expulsou-o da praia...

— (...) Olhem, eu (...) vi imensos salva-vidas a fumarem charros enquanto estavam a trabalhar... Mas o que é que se tem de fazer nestas ocasiões? É denunciar a quem tem competência. E o que se deve fazer é chamar a Polícia Marítima.

— E chamaste a Polícia Marítima?

— Achas? Como sempre remeti-me ao silêncio... Ia, o quê? Telefonar à Polícia Marítima e dizer que o meu querido colega estava a fumar um canhão? Não me ia chibar de um colega... Eu perguntava-lhe porque é que ele não esperava e fumava depois de fechar a praia... Dizia que se precisasse de iniciar manobras de socorro, que teria mais sucesso se não estivesse drogado...

— E ele dava-te ouvidos?

— Lá acabou por me dar... Mas foi uma luta... E quando ele me dizia que charrado até ficava mais atento e nadava mais rápido?

— Não deve ser muito fácil ser um salva-vidas lúcido e saudável no meio de...

— Não digas o que vais dizer, por favor... Peço-te... Poupa os ouvidos do ISN...

— Vamos poupar os ouvidos ao ISN... Pronto...

— Um salva-vidas pode fumar os charros que quiser depois de sair do trabalho, mas não o pode fazer nem de manhã, antes de hastear a bandeira, nem na hora do almoço nem durante o dia enquanto está a trabalhar. Porque nós não vamos andar a distribuir subsídios a drogados, nem a financiar drogados... Não vamos estar a brincar com dinheiro público, porque com dinheiro público não se brinca...

— Pronto, mas se a Sociedade de Informação Tecnológica já sabe que os salva-vidas da Jupiter Editions recebem ordenados de felicidade ou que os salva-vidas recebem subsídios vindos do Governo...

— Porque nós, com as nossas novas tecnologias, invadimos o Parlamento...

— Hackeámos o Palamento...

— Temos o Parlamento completamente hackeado...

— Mas mesmo assim os banhistas estão a sentir o cheiro a erva a vir do estaleiro dos salva-vidas é claro que devem

denunciar, mas não é através de fotografias ou vídeos. É com uma chamada à Polícia Marítima, por exemplo.

— Pronto, já despachámos o assunto das drogas. É que eu não quero nada estar a perder tempo a falar nas drogas. Já somos todos adultos e civilizados... Nós não fumamos nem tomamos drogas. Mas o nosso governo é muito liberal. Quem o quer fazer que o faça, não queremos saber disso para nada. Agora, há determinadas pessoas que obviamente não podem tomar nem fumar drogas. Quem quer subir ao Poder, seja ele militar, magistral ou administrativo e se quer sentar no Parlamento está proibido e tem de fazer testes regulares. Quem quer ficar por cima e ter posições de Poder tem de estar lúcido e tem de estar a bater bem da cabeça com um cérebro saudável com uma mente que funciona sem ver fantasmas e bichos-papões.

— E se os concessionários quiserem fumar uma com os salva-vidas e com os fuzileiros no final do dia numa secreta rodinha com piratas, pescadores e marinheiros?

— Não temos nada que ver com isso. Desde que os salva-vidas não estejam a trabalhar durante essas rodinhas e estejam felizes e libertos de medos e grémios em relação ao concessionário e não o vejam como um bicho-papão e não deixem de saber ver as hierarquias e que o único “rito” de obediência que têm de fazer é ao ISN e saibam que podem ser autuados pela Polícia Marítima...

— Sim, queremos lá saber! Já somos todos adultos... O que queremos é que os concessionários não instalem câmaras de filmar na praia nem instalem câmaras nos postos de vigia dos salva-vidas e que muito menos os andem a sobrevoar de drone ou a espiá-los de binóculos...

— Olha, agora! Agora os concessionários não podem pegar nos binóculos e ver do barzinho como é que está o mar? Se está alguém a afogar...

— Podem lançar os binóculos sobre o mar, não podem é espiar com os binóculos o posto de vigia dos salva-vidas... É só fazer uma pontezinha entre o Código Penal e o Código do Trabalho.

— Sabem que foi numa pontezinha de uma praia que eu liguei o Código Penal ao Código do Trabalho e vi um Código Penal do Trabalho...?

— Tu, realmente, és um perigo na praia... Tu, na praia, és um perigo para o sistema ... Tu na praia ficas cheio de ideias, não ficas? É o sol, não é? Conta lá...

— Deve ser a energia do sol com a energias das ondas mais a energia do vento... O teu cérebro deve funcionar a energia solar, a energia eólica e a energia maremotriz...

— São tudo energias verdes, tudo energias sustentáveis, tudo energias muito ecológicas, muito para a frentex, muito alternativas...

— Sim, de facto, o meu cérebro é um bocadinho alternativo...

— Esse teu Código Penal do Trabalho deve ser muito alternativo...

— É um bocadinho, confesso... Foi um pouco inspirado nas praias onde eu andei e dos cenários e das tarefas que eu fui vendo... O primeiro fundamento para o código é óbvio e tem

que ver com o facto de vivermos num sistema de moeda e estarmos todos obrigados a trabalhar para podermos “viver” no sistema. É muito fácil praticar uma escravatura disfarçada. Quando alguém arranja um empregozinho, as pessoas tentam agarrá-lo porque têm contas para pagar e é claro que os patrões sabem disto e aproveitam-se da situação. Quanto mais informações os patrões tiverem sobre os trabalhadores mais pressão e jogo psicológico poderão fazer sobre os seus trabalhadores. O patrão não pode fazer agressões psicológicas nem verbais. Se o fizer vai preso 3 anos.

— Uau... Começamos logo assim?

— Começamos e estamos a ser muito simpáticos. Ou pode pagar uma multa em ordenado que reverte para o trabalhador ofendido e que obriga a empresa a celebrar um contrato com o trabalhador por mais x anos na empresa e sem que o trabalhador “sofra” de um ambiente de trabalho indigno ou austero pela “situação privilegiada”...

— Uau... Estou a adorar o teu código... O teu código já tem quantos artigos?

— Ainda está pequenino... Ainda só tem 200 artigozinhos... Há situações mais drásticas em que o próprio trabalhador ofendido pode inverter a sua posição na empresa e ficar com o cargo do gerente ou tornar-se por imposição legal um “sócio irregular” da empresa que só vai participar numa percentagem dos lucros e nunca das perdas... Enfim... Está muito criativo... Depois também estão previstas situações mais correntes como o trabalhador ficar sem meia hora da sua hora de almoço e a empresa ser multada em 200€ que vão reverter para o ordenado do trabalhador ofendido...

— Ora... E pensaste nisso tudo com a farda de salva-vidas vestida enquanto caminhavas na tua hora de almoço em cima da pontezinha que te levava ao barzinho da praia numa longa fila de banhistas com telefones super inteligentes que reconheciam o teu estado de espírito irritado por ver até o concessionário metido no filmezinho dos telefones que te filmava e mandava para o fim da fila?

— A que filme é que fomos agora parar?

— Sei lál...

(...)

— (...) Os concessionários têm o dever de proteger a imagem dos salva-vidas. Têm também o dever de pôr placas na praia a dizer para não fotografarem os salva-vidas.

— E já agora, placas a dizer que o voo de drone é proibido. À entrada de todas as praias temos de pôr placas destas agora.

— O governo dos chips e dos drones quer que Portugal tenha a primeira praia vigiada por drones com Inteligência Artificial que detetam quando uma pessoa se está a afogar e comunica logo com a boia robot numa silenciosa, rápida e automática Internet das Coisas graças a uma (pouco) “invisível” antena 5G instalada no meio da praia...

— Olha que bonito, já viram...?! Que praia tão tecnológica... Que praia tão do futuro...

— Que medo dessas praias... Se me dissessem, antes de eu nascer que em 2023 tenho de estar numa praia radioativa com um robot a olhar para mim o tempo todo, “por uma questão de

segurança”, eu, por outra questão de segurança da minha personalidade, espírito e tudo e mais alguma coisa preferia ter ficado a nadar nas águas da minha mãe...

— Mas as águas rebentaram...

— E a minha paciência também! Vamos ter cães robots que podem ir à praia e cães de carne e osso que não podem, é mesmo esta a proposta dos otários do governo dos chips e dos drones?

— Sim, é...

— Deixem lá o outro governo em paz... Nós temos é de mudar o Edital de Praia...

— Que está “obsoleto”...

— Não me digas que foi um puto de 10 anos que disse isso...

— Porque é que lhe piscaste o olho?

— Porque eu já sei desta história...

— Foi um puto de 10 anos que disse que o Edital de Praia estava “obsoleto”???

— Foi... E eu perguntei porquê e ele respondeu que o Edital de Praia estava a dizer que os cães não podiam entrar na praia e perguntou quem é que tinha escrito o Edital de Praia e perguntou porque é que “nós” tínhamos deixado alguém que não gostava de cães imprimir o Edital de Praia... Um amor de miúdo...



— Opá...! Que amoroso!..

— Agora os cães não podem estar numa praia vigiada? Podem sim, se forem mansinhos, se gostarem de crianças e dos outros cães.

— Se não ladrarem.

— Eh! Agora não podem ladrar, querem ver?... São cães e não podem ladrar...

— Podem, se não perturbarem a paz e o espírito de calma e tranquilidade que é suposto haver na praia.

— E como é que vamos medir isto?

— Podíamos usar a fórmula-mitra para medir o Direito ao Bom Ambiente...

— A fórmula-mitra? Eu ouvi bem?

— Há mitras que entram na praia e incomodam muito mais do que os cães, porque trazem colunas e rádios que são proibidos na praia, porque o que se quer é ver a funcionar o Direito ao Bom Ambiente e não o Direito A Cada Um Poder Trazer a Sua Música Para a Praia e Em Altos Berros Instalar-se uma Confusão e Um Caos dos Diabos Que Só os Anarquistas e os Mitras Acham Que Isto é Que é Liberdade de Expressão. E depois quem tem de ir falar com estas mitras são os salva-vidas, que afinal estão na praia a salvar-vidas mas também a salvar o bom ambiente da praia e a receberem uma miséria sujeitos a levar na boca dos mitras que nem sequer deviam ter entrado na praia.

— E o que vamos fazer aos ordenados dos salva-vidas para os salva-vidas levarem na boca dos mitras, mas levarem mais felizes?

— Vamos mandar triplicar.

— Vocês sabiam que há câmaras municipais e associações a contratarem salva-vidas e a pagarem-lhes misérias de ordenados que com os descontos os salva-vidas só conseguem levar para casa ao final do mês 900€?

— 900€? Há câmaras municipais a pagar 700€...

— Por isso é que eu nunca fui salva-vidas de uma associação ou nunca aceitei ir para uma praia que estivesse nas mãos das câmaras... Fui sempre salva-vidas de concessionários privados... As câmaras se querem praias no mínimo têm de pagar 3 mil euros aos salva-vidas...

— E estamos a falar de 3 mil euros limpos, não estamos?

— Claro, que estamos. O nosso jogo de ordenados é sempre limpo! Jogamos sempre limpo, falamos sempre limpo.

— E os concessionários se em média estão a pagar 1000 euros têm também de acompanhar a nossa matemática e no mínimo, estamos a falar no mínimo dos mínimos, têm de triplicar. Mas é claro que não estamos a falar de uma família de empresários que têm o seu barzinho de praia em que passam o verão todo na cozinha a trabalhar com os cozinheiros, a segurar o barco, e que de lucro só consegue apurar 60 mil euros ao ano... Não estamos obviamente a falar destes concessionários, porque nem todos os concessionários ganham muito dinheiro.

— Um concessionário que só apura 60 mil euros ao ano, vamos dividir os 60 mil pelos 12 meses do ano e vamos ver que vai dar 5 mil euros por mês... Como o lucro aos sócios normalmente é distribuído só ao final do ano e se pegarmos num exemplo em que os 2 sócios da empresa são um casal, é como se o casal visse de “ordenado mensal” 5 mil euros a cáirem num ano... Só que não caíram, porque só os podem ver no final do ano... Ou seja, se não trabalharem também na empresa, se não ocuparem um cargo, se não forem por exemplo gerentes, também estão ali durante um ano sem receberem nada... Porque há uma contabilidade, há um contabilista que não deixa sair dinheiro dos cofres da empresa enquanto não se completar o ano do exercício económico e não se fizerem as continhas todas e ver-se então quanto é que há de lucro para distribuir aos sócios...

— Por isso é preciso sermos sensíveis a isto... Temos de ser sensíveis a tudo...

— Temos é de olhar para as contas. Temos de pôr é o Fisco a ver isto e a decidir com o nosso novo Código Fiscal Societário.

— Nas minhas concessões o meu cálculo de ordenados é muito fácil. Tendo em conta que o substrato mais importante da concessão são os salva-vidas, eu, enquanto concessionário não posso receber de lucro mais do que o ordenado somado ao ano dos salva-vidas. Se eu pago 5 mil euros aos salva-vidas, então é porque eu de lucro ao final do ano espero receber os 5 mil, o que eu paguei de ordenado, vezes os meses de trabalho na concessão... Sabemos que os verões são incertos... Até posso por cautela combinar com os meus salva-vidas e dizer-lhes que só lhe vou pagar 2 mil ou 3 mil, mas que se atingirmos um determinado lucro, na altura da distribuição dos lucros, no final do ano, eu vou chamá-los como sócios de indústria para virem

participar nos lucros da empresa. É só alterar o Código das Sociedades Comerciais e permitir a entrada de sócios de indústria na empresa que podem entrar na empresa, por causa do seu trabalho, para participar só nos lucros, sem a necessidade de capitais. Isto é fácil de se fazer. É só alterar. Isto passa-se até na América. Nos países mais sofisticados e mais liberais, como na Alemanha e Suécia, verdadeiramente liberais económicos, temos o chamado sistema de “co-gestão” em que os próprios trabalhadores recebem uma quota-parte dos lucros e é isto que faz todo o sentido. Só que nos outros países funciona com a intermediação de sindicatos. E nós para esta distribuição de lucros não precisamos de chamar os sindicatos, basta fazermos isto informaticamente, de forma automática, com o sistema informático fiscal que faz o cálculo automaticamente e transfere das contas da empresa para as contas dos trabalhadores. Isto é a coisa mais fácil do mundo se o mundo está todo informatizado. Dependendo depois da qualidade do trabalhador e com a afetação do seu trabalho ao substrato da atividade empresarial atribuímos percentagens mínima obrigatórias da distribuição dos lucros da empresa a cada um dos trabalhadores.

— Mas enquanto estamos só aqui neste teatrinho a ver o Código das Sociedades Comerciais que não permite a entrada de sócios de indústria só com o seu trabalho, que diz que se os salvavidas quiserem participar nos lucros da tua concessão têm de entrar para a tua empresa com capitais, como é que tu os chamas para participarem nos lucros?

— O Código não permite fazer “tipo” uma distribuição de prémio aos trabalhadores?

— Eu acho que permite, não permite? Mas acho que é só uma vez ao ano ou o que é... E acho que depois o prémio ainda

está sujeito à tributação do Fisco ou da Segurança Social... Não é assim uma coisa?

— Não chamem agora a Segurança Social que estou cansado da Segurança Social... Cansado! O que eu faço é muito simples. Agarro no meu Código Civil e vou até ao regime das doações que diz que eu posso doar o meu dinheiro a quem eu quiser, sobretudo aos meus amigos. Como os salva-vidas são muito meus amigos, eu no final do ano já que o Código das Sociedades Comerciais não me deixa chamá-los como sócios de indústria eu chamo-os como “sócios de indústria”, entre aspas, como meus amigos e faço-lhes doações, pronto. É o meu dinheiro! E eu distribuo o meu dinheiro a quem eu quiser, sobretudo aos meus amigos salva-vidas que estiveram comigo o verão todo a segurar o nosso barco. Assunto encerrado!

— E enquanto temos concessionário empáticos e humanos que percebem de Direito Fiscal, de Direito do Trabalho e de Direito Civil a pagar bem aos salva-vidas e a dignificar toda a classe profissional dos salva-vidas diante dos olhos do Instituto de Socorros a Náufragos, temos concessionários de praia a ganhar muito dinheiro e a pagar muito mal aos salva-vidas.

— Ou triplicam os ordenados dos salva-vidas ou nós tiramos as licenças aos concessionários. Ou alimentam como deve de ser o corpo dos nossos salva-vidas ou nós tiramos as licenças. Ou as praias concessionadas têm acessos para todas as pessoas de mobilidade reduzida ou tiramos as licenças. Ou as praias estão limpinhas ao final do dia ou tiramos as licenças.

— Se os concessionários se atreverem a monitorizar os salva-vidas com drone, câmaras ou microfones ficam imediatamente sem licença e vão direitinhos para o Tribunal Tecnológico de 2080 de Antoine Canary Wharf. Isto tem de ser

assim. Eu vou vos contar uma... Nos tempos em que andava na Faculdade de Direito eu era salva-vidas no verão. Foram verões muito giros em que o pessoal de Medicina e Direito começou a tirar o curso de salva-vidas para fazerem a época balnear. Deu logo outro corpo às fardas dos salva-vidas... (...) fui num dos verões para uma praia que era um paraíso... Mas que todo o ambiente de trabalho à volta foi um inferno! É claro, que eu soube estar sempre a ver o lado do paraíso. E sabia como me escapar sempre ao inferno. Por estar sempre consciente que estava no paraíso, não vi o inferno como um inferno. Sabia dos meus direitos, liberdades e garantias. Isto é muito importante, porque quando sabemos dos nossos direitos, liberdades e garantias nós conseguimos ver o paraíso e conseguimos desfrutar do paraíso. Consegui viver aquele inferno, porque conseguia ver o paraíso. Consequia ver os meus direitos. Mas outros salva-vidas viram-se completamente num inferno. E quiseram também fazer a minha vida ali na praia um inferno. Só que a minha vida ali na praia foi um paraíso. O concessionário da praia era um restaurante. Eram os donos do restaurante. Um restaurante que fazia milhões por mês. E eles tinham o pessoal do restaurante enfiado a dormir num quarto com beliches. Tinham também câmaras e microfones no bar da praia e na cozinha. A comida era horrível, ingrata no meio daqueles milhões. Não sou eu que sou ingrato. Eles é que são ingratos! No final deram-nos um pacote de amendoins como “recompensa” pelo nosso trabalho no fim da época. Eu recusei, é claro. O amendoim tem propriedades cancerígenas... Tinham também o parque de estacionamento a cobrarem 5 euros. Esta é outra. Temos de falar sobre os parques de estacionamento. Isto é como um verdadeiro torniquet para pagar bilhete para entrar na praia ao estilo francês.

— Os portugueses dizem que qualquer dia se vai pagar bilhete para entrar na praia em Portugal, temem pela vinda dos torniquets...

— Mas nós já temos os torniquets!...

— Estão aqui os torniquets!!!

— São os parques de estacionamento pagos nas praias impossíveis de aceder senão por carro. Fica, é claro, uma praia para ricos. Não é para ricas pessoas.

— Nem para pessoas inteligentes, nem para pessoas cultas, nem para pessoas sensíveis, nem para pessoas educadas, nem para pessoas humanas... Não. O critério não é social, nem sequer profissional. É puramente monetário. Quem for mais ladrão e tiver mais moedas pode entrar na praia. Porque isto é uma praia de ladrões. De ladrões que nos roubam o espírito e os dados com as suas criminosas câmaras e criminosos microfones. E isto é para se pôr um ponto final de uma vez por todas! Nenhum estabelecimento comercial pode andar a processar a imagem e o som dos seus clientes e dos seus trabalhadores, como é óbvio, como é natural numa sociedade intelectualmente evoluída de valores em pleno século XXI em que há códigos civis, de trabalho, penais e de contratação pública. Quando olhamos para isto, é para tirarmos imediatamente a licença a estes concessionários. Com tanto dinheiro e não são capazes de investir numa casa boa para os seus trabalhadores e salva-vidas de verão? Não faz sentido! Não são capazes de investir numas duas ou três cadeirinhas para pessoas com mobilidade reduzida? Já não digo 5 cadeirinhas... Porque lembro-me perfeitamente de num dia estarem 5 pessoas de mobilidade reduzida na praia!!! Já nem 4... Digo três ou duas... Quando já têm há anos a concessão?

— Assim, não vale a pena andarmos a privatizar as praias para isto.

— Há concessionários mais empáticos e mais humanos que se preocupam mesmo em fazer uma boa gestão das praias.

— Na praia onde eu estive nem sequer havia cadeira para uma pessoa que tivesse mobilidade reduzida. Numa praia que era gerida por um concessionário que fatura milhões não haver uma cadeira para uma pessoa de mobilidade reduzida poder ir à água? Ainda para mais, o concessionário tinha na própria família uma filha ou uma sobrinha ou uma prima, já não me lembro, com défice motor que passava lá o verão inteiro e passava-nos para nós, salva-vidas, a responsabilidade de a levar à água sem qualquer segurança. Queria que a levássemos ao colo em dias com correntes e quebra-cocos. Eu recusava-me a levar! Porque o concessionário tinha de ter lá a cadeirinha! Noutras praias em que tinha estado havia sempre a cadeirinha, noutras praias que não faziam nem 1 por cento do que aquela praia fazia... E assim que eu via alguém a chegar de cadeira de rodas à praia, nas outras praias, a primeira coisa que eu fazia era ir logo informar que tínhamos uma cadeirinha para ir à água. E ia lá várias vezes ter com a pessoa que estava em cadeira de rodas a convidar-lhe para irmos dar um mergulho, porque eu sabia que às vezes poderia haver “um não querer incomodar o salva-vidas”. Devemos ser empáticos! Se eu estivesse numa cadeira de rodas e mesmo que um salva-vidas viesse ter comigo, por mais simpático que ele fosse em informar-me que havia uma cadeirinha para eu poder ir à água, talvez eu agradecesse, mas não fosse ter com ele, por “não querer dar trabalho”. Mas se o salva-vidas viesse ter comigo, insistindo, eu talvez iria. E eu não preciso de estar numa cadeira de rodas para dizer isto. Posso falar por quem está numa cadeira de rodas. E é também o meu empirismo a funcionar. E nesta praia dos milhões eu não podia fazer os meus convites espirituais. Porque não havia uma segurança que protegesse o espírito. E isto era frustrante! Como é frustrante uma praia fingir que tem acesso para pessoas de mobilidade reduzida, mas que depois o passadiço



ou está estragado ou “só” funciona para cadeiras de rodas se for com alguém atrás a puxar ou a agarrar a cadeira de rodas. O nosso posto de praia era uma casinha de madeira. E o concessionário que tinha câmaras e microfones em todas as estruturas da praia, também queria pôr na nossa. A contar com a nossa, eram 5 estruturas de madeira. Mas eles sabiam que um dos salva-vidas era de Direito e que não iria permitir isso. Sabem o que é que o concessionário tentar simular um estrago, um roubo, um assalto, para ter uma desculpa para instalar uma câmara? Pediu a uns rapazes, filhos dos seus amigos, para à noite passar pelo nosso posto de praia de moto 4, que com uma corda agarrada à moto 4 e ao posto de praia numa aceleradela fez rebentar umas madeiras do posto de praia. No dia a seguir, o filme era terem de pôr câmaras para que a brincadeira não se repetisse. Neste filme veio-me logo numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que aquilo fazia parte de um embuste tecnológico. Um dos salva-vidas dormiu com um dos filhos dos amigos do concessionário. Contou sobre o plano ao salva-vidas e esse salva-vidas contou-me. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é muito importante porque faz despertar-nos para a realidade das coisas tecnológicas, dos embustes que se podem fazer com as coisas tecnológicas e livrar-nos de qualquer pensamento que saia fora da realidade. Mantém-nos lúcidos a ver a realidade. Dá-nos um instinto de sobrevivência numa Era e numa sociedade que é altamente tecnológica. Alguma vez eu me espantaria se este concessionário andasse a espionar, a monitorizar, a escutar as conversas que os salva-vidas fazem lá no posto de praia com um drone? Ou com um microfone?

— Que praia é essa?? Quem era o concessionário??

— Não vou revelar. Assinei um contrato de trabalho de confidencialidade e segredo. Eu só não saí de lá, porque precisava do dinheiro para pagar as propinas da faculdade e ainda deu para

uma viagem aos Açores e porque soube aproveitar da melhor forma. Tinha um quarto só para mim. Os outros salva-vidas tinham de dividir o quarto. Como não como carnes vermelhas, tive a sorte de poder comer outros pratos. Mas estava sempre a ouvir os salva-vidas a reclamar. E depois os salva-vidas mesmo fazendo parte do “staff” do restaurante da praia, não são o “staff” do restaurante... Almoçam com o staff sem serem o staff... Estão como espões. Ouvem tudo. Ouvem as conversas. Ouvem as reclamações, as tristezas, as frustrações. Ficam a saber de todas as intrigas e todos os dinheiros e todos os esquemas. Os salva-vidas não são tratados como o staff é tratado. Não apanham “as tarefas” que o staff apanha. Mas veem as tarefas. Veem os crimes de dados. Os salva-vidas são como os médicos e como os juízes... Os juízes não são empregados do tribunal, trabalham no tribunal, é diferente; e só respondem ao Concelho Superior da Magistratura... Os médicos não são empregados do hospital... Os médicos não têm patrões, são “pedreiros-livres”, simplesmente trabalham “nas obras” do hospital... O dono do hospital não é nunca patrão dos médicos que trabalham no hospital. A entidade patronal dos médicos é o hospital, mas nunca o dono do hospital. O dono do hospital sabe é que tem de contratar médicos para o hospital funcionar. Os médicos só respondem perante a Ordem dos Médicos. A mesma coisa com o salva-vidas. A analogia é a mesma. Os salva-vidas não têm patrões, são “pedreiros-livres”, simplesmente trabalham “nas obras” da praia... O dono da concessão de praia não é nunca patrão dos salva-vidas que trabalham na concessão de praia. A entidade patronal dos salva-vidas é a concessão, mas nunca o dono da concessão. Há aqui uma clara separação de pessoas jurídicas. Isto é um conceito que se aprende em Direito das Sociedades Comerciais e em Direito Civil. Assim, os salva-vidas só respondem e só obedecem ao Instituto de Socorros a Náufragos. O concessionário sabe é que, para ter a concessão a funcionar tem de contratar salva-vidas. Mas o concessionário não

emite ordens nem instruções ao salva-vidas, não pode! Os salva-vidas são livres, são profissionais liberais, são como médicos e advogados, têm um “regime livre”, têm um regime diferenciado, têm um regime privilegiado dum Direito Marítimo que foi concedido pelo Instituto de Socorros a Náufragos. Ora, os salva-vidas têm um “tratamento especial”... Lá está, sentam-se à mesa com o staff sem apanhar as tarefas do staff... Os concessionários sabem que não podem “dar tarefas” aos salva-vidas, porque se um salva-vidas se vai embora, o concessionário se não arranjar imediatamente outro tem de fechar o negócio de praia. E há grupos de salva-vidas no Facebook, no WhatsApp e na *Aplicação Invisível* que quando as coisas dão para o torto com um concessionário, o salva-vidas denuncia logo o concessionário e nenhum outro salva-vidas vai querer ir trabalhar para essa concessão. O negócio na praia só funciona com salva-vidas. Por cada 50 metros de extensão de praia concessionada, legalmente o concessionário tem de contratar obrigatoriamente 1 salva-vidas. Se um concessionário tiver 300 metros de praia tem de ter 6 salva-vidas, isto se não tiver um plano integrado com moto d’água em que pode “cortar” o número de salva-vidas. Éramos 6, nesse tal verão... Mas eu diverti-me muito.... Quando aconteceu o estrago do nosso posto de praia, lembro-me de um dos salva-vidas também ter logo dado a ideia de se instalar uma câmara... Até um dos próprios salva-vidas, que não tinha noção nenhuma do que estava a dizer, não se importava de ser monitorizado pelo concessionário... Logo um salva-vidas que passava o tempo todo enfiado dentro do posto de praia agarrado ao telefone... E quem viu isto, não fui só eu, nem os outros salva-vidas... Quem foi à praia também viu que este salva-vidas passava o dia todo com os olhos no telefone e não na água.

— Se perguntarem às pessoas se achavam bem haver uma câmara dentro do posto de praia, para desincentivar os salva-vidas a estarem fora do posto, a não estarem no telefone e

estarem a fazer linhas d'água, talvez todas as pessoas dissessem que fizesse todo o sentido haver uma câmara de vigilância ou um drone por cima do posto. Mas não faz sentido nenhum!

— Como não faz sentido nenhum a Polícia Marítima aparecer de drone a monitorizar os salva-vidas. A monitorização não faz sentido nenhum! Porque enquanto há salva-vidas que estão agarrados ao telefone que não deviam estar vestidos com a farda, há outros salva-vidas que não estão agarrados ao telefone. E nós devemos é saber pôr os olhos em cima destes e contratar estes.

— Se um salva-vidas está sempre ao telefone que seja simplesmente despedido! Nós não precisamos de pôr tecnologia nisto. Precisamos é de pôr a razão.

— Se eu vejo um salva-vidas a fumar um charro eu não posso fotografar-lhe. Mas posso telefonar à Polícia Marítima. Se eu vejo um salva-vidas a dormir, eu não posso fotografar-lhe. Posso telefonar à Polícia Marítima.

— Ou melhor, posso chegar perto do salva-vidas, acordar-lhe e simpaticamente dizer-lhe que ele se deixou adormecer; porque eu não sei se o salva-vidas que se deixou adormecer está a fazer 10 horas de vigia sem qualquer folga e a comer mal, quando no seu contrato de trabalho diz que tinha direito a duas folgas obrigatórias e eram 6 horas de trabalho sem contar com a hora do almoço.

— E lá está... Eu não tenho de saber tudo... Não tenho de ficar por dentro de tudo... Mas posso ser empático. Posso tentar colocar-me na pele da outra pessoa. Eu não estive a trabalhar na praia como o staff esteve a levar bebidas a carregar para cima e para baixo os barris de cerveja, a aturar clientes que têm a mania “que são ricos” só por estarem numa praia “de

ricos”, quando não são ricos coisa nenhuma e fazem um esforço social-económico para estarem ali a gastar e a exibir as forçosas poupanças que tiveram de andar a trabalhar como escravos o ano todo para poderem ir para ali uma semaninha, se der uma semaninha e que não sabem que o segredo “dos ricos” cultos, elegantes, educados e inteligentes com quem querem tanto se dar, só que não conseguem, é ter uma casa ali na zona e ir a pedalar 20 minutos de bicicleta para a praia e levar a comida em taparueres dentro de uma mochila e não gastar um tostão o verão todo naquela praia “onde só os ricos podem estacionar os seus carros”. Não tive de aturar clientes destes que nem aos salva-vidas eram capazes de cumprimentar ou sorrir quando os seus filhos vinham a correr ter com o salva-vidas. Lembro-me de uma família que tinha um filho chamado Vasco, que vinha sempre falar comigo, era um amor de criança, a mãe via sempre o filho a falar comigo e era incapaz de me sorrir ou de me cumprimentar. Nem quando a minha mãe e uma prima minha me foram visitar à praia e o Vasco veio falar connosco, a mãe dele foi incapaz de cumprimentar. De longe, mandou o filho sair de ao pé de nós. Perguntou à distância o que é que o filho estava ali a fazer sozinho. Isto foi uma ofensa para a minha prima, por exemplo. “Sozinho? Então, mas o filho dela estava aqui connosco a conversar e ela pergunta ao filho o que é que ele estava aqui a fazer “sozinho” connosco? Mas nós somos o quê? Somos invisíveis?”... Não tive de aturar gente desta. Não tive de aturar isto a esturrar ao sol sem poder ir mandar os mergulhos que me apetecesse para não me esquecer que estava no paraíso. Mas o staff teve de o fazer, mesmo ali por detrás do nosso posto de praia, em cima do areal, no bar de apoio da praia, o staff via-nos sem t-shirts, a darmos os mergulhos que queríamos as vezes que quiséssemos... E era aqui onde eu queria chegar. Fazermos uma lei que determine que todo o pessoal que trabalha na praia pode durante a sua hora de trabalho, como pausas, dar os mergulhos que quiser.

— Concordo!!! Se há pausas para fumar cigarros, tem de haver pausas para dar mergulhos.

— Concordo!!! Mas qual é o mal de um garçon que está na praia a servir, ser convidado pelo rapaz ou pela rapariga, a quem está a servir, para ir dar um mergulho?

— Concordo!!! Tem algum jeito o garçon responder que não pode porque está a trabalhar na praia e o patrão não deixa dar mergulhos?

— Que nem sequer pode mergulhar à frente da praia, tem de ir mergulhar na praia a 10 km a seguir?... Não tem jeito nenhum!

— Podem sim, dar mergulhos!

— Dar um mergulho vai tornar o trabalho muito mais feliz. O mais importante é as pessoas estarem felizes no trabalho!

— Tipo... As vacas felizes dos Açores?

— Isso não teve piada nenhuma. Estamos a falar de coisas sérias.

— Teve sim, piada... As vacas dos açores também estão ali na linha de produção, mas com uma vista “deslumbrante”... São mais felizes...

— Isto dos mergulhos inclui os militares da Autoridade Marítima. A farda da Autoridade Marítima tem de ser calções de banho para poderem mandar os mergulhos que quiserem. Mas tem algum jeito eles estarem a andarem quilómetros e quilómetros de praia a pé e não poderem mergulhar?

— Não tem jeito nenhum!

— Portanto, vamos mandar despir os calções da tropa e vestir-lhes uns calções de banho. Assim, já podem mergulhar e mandarem os mergulhos onde quiserem.

— Para quem está na praia, poder mergulhar é muito importante.

— Está uma fila gigante de brancos com muitas moedas nos bolsos a mandarem vir com o staff e mandarem coisas para trás? Eles que esperam um bocadinho que o staff vai primeiro mandar um mergulho para não mandar à merda esta gente!

— Porque é preciso uma paciência de santo para aturar gentalha desta na praia.

— Porque isto é uma gentalha!

— E eu tive de ver o staff a aturar todo este pretensiosismo. Porque isto é um flagrante pretensiosismo!

— É que nem disfarçar o seu pretensiosismo sabem.

— Não sabem...

— É que aquela gente daquela praia nem sabe disfarçar!

— Mas qual é a praia?

— Não digo! É uma coisa tão forçada! Tão artificial... Parece gente artificial que frequenta aquela praia... É uma artificialidade...

— Queremos saber qual é que é a praia artificial...

— Quando chegávamos de manhãzinha à praia, os salva-vidas montavam logo “a tenda”. Enfiavam-se nas mantas e ficavam a dormir no chão do posto de praia. Eu estava sempre de sentinela e com eles no chão, conseguia estar sentado numa cadeira dentro do posto de praia com uma vista privilegiada para o mar e com o mar sem ninguém e com eles a dormirem conseguia sacar o meu diário e escrever. Sempre que o mar estava sem ninguém e eles estavam distraídos conseguia escrever. Escrevia às escondidas. Depois chegava a casa e escrevia mais à vontade. Tinha um quarto só para mim. Se eu não tivesse tido um quarto só para mim eu não teria escrito o que escrevi. Seria impossível. Andava sempre a esconder o que escrevia. Às vezes até tinha de escrever no meu Código Civil para disfarçar. Eles sabiam que eu estava em Direito. Então, era mais fácil, às vezes se eu tivesse o Código Civil de fora, em que ia escrevendo quando eles não estavam a ver e depois quando apareciam era só eu virar a página e fingir que estava a ler, porque “um Código Civil passava”... Às vezes, eles pareciam “soldados do sistema” prontos para denunciar a minha escrita. Às vezes eu queria tanto escrever, não havia ninguém na água, eles estavam todos ao telefone e a minha mente estava a escrever e eu queria escrever o que a minha mente escrevia, mas não era fácil... Porque eles levantavam-se logo se eu começasse a escrever. Eles, às vezes, punham-se mesmo por detrás de mim a ver exatamente o que eu estava a ler. Quando sabiam que eu tinha acabado de escrever qualquer coisa dentro do Código. Punham-se por detrás com os seus telefones supertecnológicos. (...)

— E onde é que está esse diário de salva-vidas?

— Entreguei-o à Jupiter Editions.

— E quando esse diário de salva-vidas for publicado vamos saber qual é que era a praia?



— Depende. Estou aberto a negociações com o concessionário. O concessionário ficou com dados de imagem e dados de voz meus. Estamos na Era da portabilidade. Se ele me devolver os meus dados, eu devolvo-lhe o silêncio e cumpro o contrato. Fiquei muito zangado, sabem?... Uma vez, estive a conversar com uma rapariga do staff que estava a estudar Medicina e conversámos dentro da casinha dos gelados. A rapariga era mais adepta da Medicina das “energias”, da Medicina alternativa... Quando falamos deste tipo de coisas, às vezes, para defendermos a ciência, temos de pôr o nosso espiritualismo. E eu pus um pouco do meu espiritualismo para poder conversar com ela. Eu não sabia que a casinha tinha uma câmara com microfone. Só soube disso depois. E eu disse coisas importantes. Coisas que são minhas. Coisas que eu não sei quem é que diz ou pensa também. Dei a minha opinião. A minha intelectualidade. A minha forma de ver as coisas. E aquilo foi gravado. Sem nenhuma autorização, a minha expressão foi gravada. Se eu soubesse que havia lá um microfone eu nunca teria dito o que disse. Depois havia uma câmara à entrada do restaurante, outra na cozinha onde nós íamos receber a comida... A minha imagem foi muitas vezes processada. Muitas vezes tentaram que eu falasse perto das câmaras. Mas por eu ver as câmaras, disse sempre o mínimo possível. Na cozinha, quando íamos receber a comida eu tentava ficar de lado para uma das câmaras, por exemplo. Mas às vezes era muito difícil. Porque nós fazíamos uma fila para receber o prato, era a cozinheira que nos servia e na fila havia sempre quem interagisse connosco, quem nos cumprimentasse e por muito que eu visse as câmaras eu tinha de ver sempre primeiro os humanos, os tratos sociais e o bom ambiente do trabalho. Quando a cozinheira, que era uma mal-educada com o maior ar enjoado e me servia com um desprezo e se punha a dizer coisas aos berros e a falar para mim aos berros eu não lhe respondia. Simplesmente sorria-lhe. E ela ainda mais se passava e eu ainda mais sorria. Sabia que havia ali um microfone. E por isso ficava sempre em

silêncio e eu e os microfones ficávamos a ouvir. Mas eu registava tudo com o meu cérebro. Nunca precisei de andar com gravadores atrás de mim. O nosso cérebro é o melhor gravador de todos. Ficava em silêncio, porque numa saudável *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari eu via todo o jogo tecnológico por detrás das câmaras e dos microfones. Recebia aquele prato cheio de nutrientes que sabia que ia entrar na minha corrente sanguínea. Sabia que esses nutrientes seriam importantes não só para me manter ali em vigilância na praia e para salvar alguém em caso de socorro, mas sabia também que os nutrientes seriam importantes para me lembrar do discurso berrante da cozinheira e dos jogos e das conversas que me stressavam que se passavam na mesa do almoço. Tínhamos direito a 3 cafés por dia. O café era uma porcaria. Mas eu bebia-o sempre a olhar de frente para o mar, às vezes a ver os golfinhos a passar e claro que o café passava a saber ao melhor café. É fácil enganarmos o nosso cérebro. E o bar da praia onde íamos beber café também tinha uma câmara meio escondida que filmava sempre os trabalhadores e apanhava muito sutilmente os clientes se se debruçassem demasiado ao balcão. Essa era a única câmara que eu não sabia se tinha ou não incorporado um microfone. Só essa dúvida já é horrível. Eu não trabalhava dentro desse bar, só ia lá pedir o café e todos os dias a ir lá pedir o café eu, às vezes, ia esquecendo de duvidar que pudesse lá haver um microfone. E quando o pessoal do bar dizia uma piada ou fazia uma pergunta ou vinha com uma conversa do que se tinha passado no dia anterior, eu sem querer dava dados. Mas às vezes, sem querer, fazia as minhas piadas. Mas depois lembrava-me logo e escrevia tudo na mente e agarrava tudo o que eu tinha dito até registar no meu diário. As câmaras e os microfones stressaram-me ao ponto de ter de ir registar tudo aquilo que eu ouvisse de importante ou tudo aquilo que eu dissesse que eu sabia que tinha a minha propriedade, que era meu, que vinha de mim e de mais ninguém. Tenho, por isso, tudo registado. Registava depois tudo ou quando chegava ao posto de

praia ou quando chegava a casa no final do dia. Havia também um sítio em que “nos mandavam” falar “ali” ao telefone. Eu falava noutra sítio. Nesse sítio, para além de uma câmara havia também um microfone. Nem todos sabiam. Alguns sabiam. E eu via, mesmo os que sabiam da existência do microfone, na pausa, a fumarem os seus cigarros e a terem conversas filosóficas e a contarem “cenas” íntimas, “cenas” da vida privada e “cenas” sexuais que se passavam entre os colegas de trabalho; a contarem quem tinha ido para a cama com quem no final do jantar de trabalho. Eu nunca ia a esses jantares de trabalho. Sabia perfeitamente que esses jantares eram todos filmados e gravados com os telefones. Não ia lá fazer nada. Não estavam lá os meus amigos. Eu só vou jantar com os meus amigos. Eu só janto com os meus amigos. Se janto com um colega de trabalho é porque esse colega é meu amigo, é porque se tornou meu amigo e sabe que se vier jantar comigo, vem jantar sem o telefone. Portanto, eu não ia fazer lá nada nesses jantares em que iam a um restaurante, fora da praia, mas que pertencia também aos concessionários, que tinha câmaras de filmar apontadas à mesa e que eu sabia que eles jantavam todos agarrados aos telefones. Sabia que não era assim que se jantava. Não eram esses os meus jantares.

— É muito chato a entidade patronal “obrigar” os seus trabalhadores a fazerem as pausas num sítio em que mete uma câmara e um microfone. E digo chato para não dizer outra coisa.

— Ó querida, já estávamos nos jantares...

— Ter vivido isso deu para entender como está deficiente o nosso Código Penal e o nosso Código do Trabalho. Por isso, é que há em mim uma vontade muito grande em mexer nesses códigos. Nesse diário também tenho as minhas críticas ao Edital de Praia... Que eu achava que o devíamos rabiscar. A questão dos drones nem sequer consta no Edital de Praia, porque quando

o legislador escreveu nem imaginava o cenário terrorífico de centenas de drones a voarem numa praia. Os cães aparecem no Edital de Praia há anos proibidos por um legislador que não tinha cães e não gostava de cães. Não podemos continuar a deixar um morto-vivo a exercer a sua vontade espiritual em nós. Ou não é nossa vontade rabiscar o Edital de Praia para vermos felizes os cães soltos na praia e vermos como eles são e ficam felizes na praia?

— Vamos, sim, rabiscar o Edital de Praia. Os cães mansos podem, sim, ir à praia. Os cães que não ladram e gostam dos outros cães e das crianças podem, sim, andar à solta.

— Estamos a ladrar outra vez o mesmo ladrar? Não temos outro ladrar, nós? Já não tínhamos decidido, por unanimidade que os cães podiam ladrar, desde que não ladrassem nem fizessem cocó como os mitras na praia?

— Concordo perfeitamente com isto! Os donos têm é ter os olhos em cima deles e apanharem imediatamente os cocós.

— Os donos de quem? Dos mitras?

— Os mitras têm donos?

— Oh... Aquilo é uma hierarquia “dos diabos”...

— Ai, é...?

— É... Quando chegam à praia com a música a dar aos altos berros, aquilo é tipo uma invocação que os gajos estão a fazer lá aos patrões musicais deles...

— Ai, é...? Aquilo é uma “invocação”?

— Sim... É tipo um “rito”...

— E eu que pensava que era só um ruído...

— E como é que afinal nós vamos resolver este ruído que ainda ficámos com ele por resolver na praia...?

— Parece que fomos apanhar uma onda e deixámos os assuntos importantes em Terra...

— Mas já voltámos! Estamos outra vez na praia ruidosa cheia de mitras com naifas na mão prontas para nos mandarem calar se lhes mandamos baixar as músicas...

— O Edital de Praia do morto-vivo já proíbe qualquer ruído emitido através de aparelho tecnológico. Ou seja, não se podem levarem rádios, nem colunas, nem usar os telefones para se “pôr música” a tocar. Isso vamos deixar igual ou não?

— Não acho que devemos ser tão drásticos. É claro que o mais importante é o Direito ao Bom Ambiente, porque só assim é que conseguimos uma verdadeira paz e uma verdadeira liberdade de todos. Porque a liberdade de todos na praia termina quando alguém se lembra de pôr um transe a tocar ou um hip-hop a dar. Isto tem de ser automático numa sociedade evoluída de valores e intelectual. Por muito que eu goste de uma música eu tenho de pôr a hipótese de alguém odiar ou de simplesmente preferir ouvir o barulho das ondas. E se eu quero ouvir música tenho de pôr uns fones...

— Pois... Mas os salva-vidas não podem pôr fones... E estão a trabalhar... Não será que têm direito a ouvir música enquanto estão a trabalhar? Eles estão a trabalhar...

— Os salva-vidas e o pessoal do bar são uma exceção. Têm de ser.

— Sim, mas não é porem a música a altos berros.

— E definirmos o que são altos berros? Vamos começar a andar com medidores de decibéis como em *2080* de Antoine Canary-Wharf, ou quê?

— “Cruzes canhoto”! Estou a dizer isto entre aspas, atenção... Estou só a passar a expressão... “Que o Diabo seja surdo, mudo e cego”...

— Quem é que é o Diabo? É o Antoine Canary-Wharf?

— O que é que estamos a dizer???

— Quem é que me está a chamar Diabo?

— AI!!! Que o espírito do Antoine Canary-Wharf está aqui entre nós! Liguem a luz!!! Quem é que fechou a luz?

— Liguem lá a luz! Liguem lá a luz para ver que espíritos é que andam aqui...

— Eu estou a ver um aqui connosco... É o espírito do Jaime...

— O Jaime é que é o Diabo!

— Parem lá de me chamar Diabo, se faz favor!

— Eu não disse que o espírito do Jaime estava aqui connosco???

Eu disse...

— Liguem lá a luz! Este teatro está às escuras, porquê?

— Parece que fomos parar “às trevas”...

— Por falar em trevas... Vocês já viram o “demo” do namoro político do Jaime? Aquilo é um “demo”... Aquilo é um diabo em pessoa... Quem é que fala assim sem medos do “Diabo”?

— Só pode ser um diabo... Só um diabo é que fala sem medos do “Diabo”...

(...)

— Estes nossos teatros deviam ser proibidos... Este teatro ainda nos vai sair caro...

— Pois, vai... Vamos começar a ver todos a sair do nosso teatro...

— Do nosso teatro, não... Do teatro dos outros! Eu não estou a ver ninguém ainda a sair do nosso teatro... Está tudo aqui metido no nosso teatro... Ainda ninguém saiu...

— Quer dizer que podemos continuar a fazer teatro, não é?

— Mas nós não estávamos a legislar?

(...)

— Parecemos uns putos a legislar e a brincar com a energias das coisas...

— Pois... Começámos a brincar com a energias das ondas, olha só onde é que já fomos parar... Agora precisamos de um salva-vidas para nos vir salvar...

(...)

— Olhem... Estou a ver um diabo... É um salva-vidas que vem aí com uma prancha dos diabos salvar-nos... E vem com uma coluna e tudo a dar um rock and roll dos diabos... Isto é lindo! Vamos ser salvos pelos diabos...

— Ai... Não estou a aguentar mais este teatro!!! Desculpem lá, mas eu acho que me vou levantar... Eu pensava que nós nos tínhamos reunido para legislar... É que eu não tenho energias para as duas coisas...

— Mas nós estamos cheios de energia para legislar e para fazermos teatro!!!

— Sim, querida... Não estragues o nosso teatro...

(...)

— E estamos às escuras... Esperem só até ligarem a luz...

— Liguem lá a luz!!! Liguem lá a luz disto!!! Mas quem é que pôs este Rock and Roll a dar?

— Este Rock and Roll que começou a dar não é um bocadinho *hard core*?

(...)



— Devíamos proibir também estes teatros hard core com este nossos demonismos a dar...

— É que, de repente, parecemos uns demónios a legislar...

(...)

— Se estamos num teatro de praia a vestir as fardas de salva-vidas não podemos agarrar em nós com uma calma enorme e com uma coluna a dar um Rock and Roll em altos berros e começarmos a remar contra a maré até irmos parar ao alto-mar...

— Eu gosto de Rock and Roll... Somos piratas... Estamos a piratear o Parlamento... Somos só uns piratas que curtem piratear ao som do Rock and Roll...

— Há bocado éramos salva-vidas... Agora somos piratas... Já não estou a perceber nada deste teatro...

— Somos piratas salva-vidas... Até parece que não curtes o Rock and Roll dos piratas e o Hip Hop dos salva-vidas...

— Curto...

— Eu também curto, mas não é estar numa praia tranquila como estávamos e de repente começar a ouvir a tocar um Rock and Roll dos diabos ou um Hip Hop que eu não curto...

— Olhem eu de hip hop, só curto o hip hop do Eminem e do Valete...

(...)

— Os diabos não são todos iguais. Há diabos bons com bom gosto musical e diabos maus com um péssimo gosto musical...

— Quando eu tinha 9 anos escrevi uma frase que dizia «Diz-me o que ouves e eu dir-te-ei que és...»

— Isso não faz sentido absolutamente nenhum...

— Com 9 anos dizemos coisas que não fazem sentido, não é?

— Pois... E nós parecemos uns putos de 9 anos a brincar aos legisladores...

(...)

— Eu por mim confiscávamos era à porta da praia as aparelhagens dos diabos maus com mau gosto musical...

(...)

— E continuamos a brincar...

— Como se o Fisco estivesse para brincadeiras...

— O Fisco não sabe brincar?

— O Fisco é drástico demais, sabe lá brincar!

— (...) não podemos ser tão drásticos. Tudo bem, que podemos manter a proibição de aparelhagens, rádios, colunas e telefones tocarem na praia, mas podemos deixar a ressalva da exceção que a proibição não se impõe quando a praia está praticamente deserta ou quando a música não está a interferir

com a liberdade de mais ninguém. Ou seja, o que os donos da música têm de fazer é desenhar uma bolha imaginária. Se são humanos, empáticos, tolerantes e inteligentes têm de fazer isto. Põem a música a tocar. Levantam-se e andam no raio da música até a ouvirem. Quando já não a ouvirem, desenham imaginariamente uma circunferência à volta. Se não estiver ninguém, estranho, dentro da circunferência é porque podem ouvir música nesse volume. Convém é acompanharem a mudança da direção do vento que alterará a propagação do som. Se alguém chegar depois e vier estender a toalha dentro da tal circunferência imaginária, isto seja na praia ou num jardim ou numa montanha, ou numa cascata ou num rio, tem de baixar o volume.

(...)

— E agora vem um cérebro que ouve isto e começa a pensar “mas porque é que tenho de ser eu a baixar o volume da música se eu já estava primeiro e o outro é que se veio sentar ao pé de mim, quando eu estava a ouvir música e quando podia ter se sentado noutra sítio?”

— E a resposta é muito simples. É que a regra geral é a da proibição, isto para salvarmos a paz, o sossego e a tranquilidade de todos, que é um direito de todos. A admissão é uma exceção. De facto, as pessoas que numa extensão tão grande de praia forem estender a toalha perto de um grupo que já lá estava e que estava, por sinal, sozinho na praia, deserta, a ouvir música, pode parecer pura implicância. Mas também pode não ser. Eu posso ter ido para um determinado sítio, para um exato sítio, por ser o sítio que eu mais gosto, por ser o sítio donde consigo ter um exato quadro de visão que me traz felicidade. E esse sítio simplesmente não me pode ser retirado. Esse direito não me pode ser retirado. As pessoas na praia ou no jardim que querem ouvir música que a oiçam, mas desde que não incomodem ninguém. Isto não é simples de ver?

— É muito sinceramente, acho que só quem é salva-vidas e quer salvar os direitos, liberdades e garantias de todos é que tem essa visão tão simples de ver as coisas...

— Então, é porque somos todos salva-vidas dos direitos, liberdades e garantias de todos, sem exceção... (...)

**Não deixe o espírito deste autor morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor  
para o IBAN  
PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

# ou **MB WAY 965108603**

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em  
[www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 23 de agosto de 2021